

A POESIA NEOBARROCA ARMANDO UM NEOBARRACO

Michelle Senerchia Neto¹
Faculdades Guarulhos

O conjunto de poemas que aqui se apresenta sob o título de “Argonautas do Sul” é daqueles em que a inventividade e a criatividade do poeta foram postas à prova. Os “Argonautas do Sul” celebram a viagem intercultural da linguagem através da dimensão do espaço-tempo, através das civilizações. Partindo primeiro de uma série de relações intertextuais, notadamente com o esquecido “No País dos Yankees” do cearense Adolfo Caminha, narrativa da viagem feita quando o autor cearense participou da missão brasileira à feira da exposição mundial em New Orleans, cruzando-as com autores norte-americanos como Walt Whitman, T.S.Eliot, Vachel Lindsay, Henry Miller, Allen Ginsberg e acrescentando citações de Sousândrade, Oswald de Andrade, Álvaro de Campos (FP), Blaise Cendrars, o autor desses “Argonautas do Sul” extrai daí o material básico que compõe seus poemas. Sem dúvida, a riqueza de relações intertextuais nesse conjunto de poemas inserem essa obra dentro de um paideuma crítico em que os cortes sincrônicos insinuam uma poética da inventividade formal aliada à uma visão das mais agudas da nossa sociedade moderna.

Os poemas apresentam formalmente um modo de composição que nos faz lembrar, pelo corte, pela disposição, alguns poemas de Maiakóvski, de Ezra Pound, de T.S. Eliot, porém acrescentando-lhes uma dinâmica cultural brasileira através de expressões e *enjambments* articulados em função das características da língua portuguesa, além da utilização do procedimento sousândradino de palavras-montagem. Acrescenta-se aí uma série de experiências grafistas que levam as futuristas até uma dinamicidade não encontrada nos seus pares. Nesse ponto, referindo-nos à teoria poética articulada por Ezra Pound, estamos em pleno domínio da *fanopéia*. Não a fanopéia do imagismo, das palavras que remetem a imagens mentais metafóricas, riquíssimas é verdade, mas virtuais somente, e sim, a *fanopéia* da concretude, da fisicalidade do signo através de seu significante. Assim, o poeta insere pequenos ícones dos mais variados associados a uma variação tipográfica elaboradíssima com o fim, não somente da experiência visual gratuita, mas ligando-a ao significado da mensagem expressa, abrindo possibilidades interpretativas através da apreciação física dos signos. Poesia em verso da era semiótica...

Desse modo, em “A Forja do Ferreiro”, para responder à pergunta do verso: “-O quê? No Brasil já se constroem navios de guerra?” o poeta apresenta-nos uma linha com 45 interrogações em tipos diferentes, como se cada interrogação correspondesse a uma possibilidade interpretativa contextual da pergunta.

Em “Roupas de Fios Puídos” e “Macieiras Suculentas”, p.ex., a variação tipográfica busca realçar visualmente determinados substantivos como se fossem marcas, logotipos, home-pages da poesia dançando à nossa frente (“Nossos versos-rebento jogados num painel”, e em “Os Remos de Ulysses no Cascelho” escreve: “Odisseu retornarás através do r@ncoroso Inter-Netuno).

Em uma dessas experiências visuais, no poema “Nada Foi Dado”, o poeta explora o movimento cinematográfico colocando pequenos “cavalinhos” a simularem o movimento da corrida de um cavalo através da variação da disposição de suas pernas no espaço.

“OCorações VãO larga VilusãoO alegórica!V”

Ícones na forma de estados norte-americanos, signos zodiacais, símbolos exotéricos, entre outros compõem, talvez, um dos livros de poemas a explorar o grafismo num riqueza e complexidade que mostra que a poesia pós-moderna/neobarroca brasileira e latino-americana pode encontrar soluções para os impasses estéticos dos nossos tempos contemporâneos que nos levem a um alto grau de capacidade criativa, bem como a um processo intertextual que coloca a poesia plurissignificante e plurissignificativa no cruzamento das questões que relacionam-se ao entendimento do homem moderno e sua arte.

Mas “Argonautas do Sul” não fica somente na fanopéia visual, antes, suponho, parece mais marcante a sonoridade poética, *melopéia*, a dança das palavras na música dos fonemas. Não só pela exploração das rimas, algumas das mais raras, utilizando-se inclusive de rimas entre idiomas diferentes, mas pelas aliterações e coliterações que abundam esses versos.

“Um esplêndido negócio / *insinua-se* num mau romance,
/ não haverá outra chance! / Rasgar papéis *intra-ósseos*, / fazer
viagens, / tantas celebrações, / Formatura de *sacanagens*, /

¹ Graduado em Letras.

promoção carola, / glória fardola, / *essência* de diamantes.”
 (“Na Festa de um Milhão de Dólares”, grifos nossos.)

Em “Yeah! Ébrio Como Uma Garrafa de Bread” o poeta associa a visualidade com a sonoridade utilizando-se de ícones de acordes desenhados em bracinhos de violão, como se fazem nessas revistinhas de música que se vendem nas bancas de jornais. Porém os acordes não formam uma melodia para acompanhamento, no sentido musical, do poema, mas associam-se visualmente ao poema para compor uma polifonia de versos e acordes: “Então eu mergulhei nas águas dos poemas!”. Observemos ainda nesse poema, as referências ao “Vagabundo” de Álvares de Azevedo.

Os poemas fazem referências a diversos acidentes geográficos e acontecimentos da história do Brasil e das Américas: Antônio Conselheiro, Zé Lourenço, o Mississipi, o São Francisco, os quilombos, etc. Num caleidoscópio intercultural dinâmico e rico de interpretações.

Os “Argonautas do Sul” retomam também as viagens do odiseu homérico, seguindo a trilha de James Joyce, na prosa, e de Derek Walcott, na poesia épica. Essa viagem que é uma viagem através da língua e da linguagem, que é também metáfora do mundo virtual da rede de computadores, mundo futurista, cibernético, mundo das imagens e dos sons.

Daí que o último poema do livro, “Rodas de Fogo” diz-nos: “Cada dia é a festa da coroação do tempo plástico” e vemos uma série de ícones redondos, muitos sugerindo diversos desenhos de espirais substituindo as letras “O” maiúsculas, metáforas de espirais dialéticas, apontando caminhos para o futuro: “Sobem os elevadores a duzentos metros para delírio de Einstein” em oposição à poesia que teme as invenções: “O Som Clássico do realejo seboso / Um pobre-diabo com algibeiras ao vento”.

A poesia do inconformismo, da revolta contra o discurso que apregoa nossa subserviência cultural, poesia da revolta e da libertação, mas do canto que exige que trabalhemos, que repensemos dialeticamente, e de modo, dialogizante, nossa americanidade latina.

“O farol da ilha de Cuba ilumina New Orleans ao lado,
Meu camelo escondeu-se nas velas de Kabul...
Derramo o leite do papáver sobre os últimos rôpegos versos...”
 (“Suco de Laranjas Ácidas”)

“Coma verdadeira história
muito pouco se tem ocupado as imprensa?
Mas acaso tal crime compensa?”
 (“Please, Mr.Adolf”)

É também a poesia da metalinguagem, metapoemas que ao se auto-interrogarem levantam a discussão sobre a poesia como expressão legítima de nossa cultura. A poesia que ao lado da força na criação de formas, na inventividade linguística, está também a cultura que ela comunica, a visão de mundo em que foi engendrada.

“Poeta dos trópicos com sala de jantar entre quintais!
Soa a buzina dos passarinhos
-Klaxon! Fon-Fon! Klaxon! Fon-Fon!”
 (“Sandra Está Indo Embora”)

“Eu, uma lua cheia, mostro o luna-rosto-bloom...
No céu, o circo celestial de proscritos poetas
Reune-se, errôneo, para cantar aos jovens cíclopes-ciclones.”
 (“Tine o Monte Ménalo”)

Conheço Jairo Luna do tempo em que era daqueles poetas marginais que vagavam pelos bares noturnos próximos às faculdades tentando vender seus libretos xerocopiados nos anos 70 e começo dos 80, sob o nome artístico de J.J.Gallahade. Ainda, então, como eu, estudante das letras. Hoje, já pós-graduado perambula pelo circuito universitário como daqueles professores que ainda acreditam na literatura como forma auto-suficiente de arte, para muitos, um tipo de visionário. A poesia de Jairo Luna, notadamente esses poemas de “Argonautas do Sul”, é das melhores que tenho lido das produzida nos últimos tempos e merece um lugar de destaque dentro do panorama contemporâneo.